

Os nossos poetas, na verdade, bons poetas, não tinham ainda descoberto o Brasil. Basílio da Gama, frei Santa Rita Durão, Cláudio Manoel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga não podem ser chamados lídimos representantes de uma cultura nacional, apesar de todo o seu valor.*

O que queremos dizer é que, quando a "Real Bibliotheca" foi obrigada a sair de Lisboa, não foi por acaso que ela aportou no Rio de Janeiro, nem aqui chegou como um grito num mundo de surdos. Havia na colônia uma vida cultural sob certos aspectos madura, sob outros aspectos ainda seminal. Se a criação literária não chegava aos pés de outras manifestações artísticas, uma coisa não se pode negar: para uma sociedade de escravos, de índios, de mestiços e libertos na sua maioria analfabeta, lia-se bastante na colônia. Sobretudo os franceses. Rousseau, Voltaire, Montesquieu, Didérot e D'Alembert passavam de mãos em mãos, eram discutidos, comentados. Sobretudo pelo clero e pelas inúmeras "academias". E isso custou a Portugal muita preocupação, muita censura, no Rio, e mais ainda no Nordeste de Arruda Câmara, dos padres João Ribeiro, Miguelinho, Abreu e Lima (padre Roma) e outras dezenas de sacerdotes "iluminados" pelas "Luzes do Século". Isso terminou por custar a Portugal a própria independência da colônia e aos brasileiros muita luta e muito sangue. No Rio de Janeiro, o simples fato de a "Real Bibliotheca" ter sido levada a abrir as suas portas, por pressão popular, a qualquer um que quisesse freqüentá-la, quando na Europa era apanágio de reis e de nobres, é mais uma prova de que ela veio para o lugar certo, e não foi por acaso.

* Não estamos querendo denegrir poetas e escritores brasileiros desse tempo. Pretendemos, apenas, mostrar que, por formação, eles estavam por demais ligados à metrópole européia e ainda não tinham encontrado o seu caminho nativo. Eram bons escritores, mas eram mais portugueses do que brasileiros. Coincidentemente, porém, era marcante a decadência da literatura portuguesa de então. E por terem um estilo e uma mentalidade metropolitana, os nossos escritores faziam sucesso e ocupavam o lugar deixado pelos nativos de lá. Oliveira Martins, referindo-se à inteligência brasileira nos séculos XVIII e XIX, diz, num bom trocadilho: "Brasileiros eram, na maior parte, os sábios e literatos portugueses de então." E cita uma porção deles, os mais conhecidos, começando pelo maior teatrólogo da época, Antônio José da Silva — o Judeu; Basílio da Gama, Alvarenga Peixoto, Cláudio Manuel da Costa, Pereira Caldas, Moraes e Silva, o dicionarista, Hipólito da Costa e o bispo Azeredo Coutinho, todos brasileiros e todos muito representativos da literatura "portuguesa".